

BÍBLIA: PALAVRA DE DEUS OU DE HOMENS?



"Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para nos ensinar o que é verdadeiro e para nos fazer perceber o que não está em ordem em nossa vida. Ela nos corrige quando erramos e nos ensina a fazer o que é certo. Deus a usa para preparar e capacitar seu povo para toda boa obra." (2Timóteo 3.16-17 – Nova Versão Transformadora)

Para o cristão, a Bíblia é o texto básico para leitura espiritual. Todas as outras leituras devocionais são secundárias

e jamais deverão substituir as Sagradas Escrituras. Como bem disse certa vez o escritor e articulista *Ciro Sanches Zibordi*, *“nossa fonte de autoridade primacial é a Bíblia, e não a tradição. As Escrituras interpretam as Escrituras. A tradição e a própria teologia são úteis ao lado da Escritura, e não sobre ela”*.

A Bíblia, na época de Jesus, era chamada de: “Moisés e os Profetas” (cf. Lucas 16.29); “lei de Moisés, profetas e salmos” (cf. Lucas 24.44); “a Escritura” (cf. João 7.38) ou “as Escrituras” (cf. Atos 17.2). De posse dessas primeiras informações, observamos que na passagem bíblica acima, o apóstolo Paulo declara ao jovem pastor Timóteo que *“toda a Escritura”* [sem exceção] é *“inspirada por Deus e útil para nos ensinar o que é verdadeiro”* (v. 16). Mas a despeito dessa afirmação, muitas pessoas questionam se de fato a Bíblia é, na sua integralidade, a infalível e inerrante Palavra de Deus em linguagem humana; ou se ela apenas contém a Palavra de Deus; ou se, simplesmente, ela se torna na Palavra de Deus dependendo da leitura feita pelo seu intérprete.

Sem querer ser prolixo ou repetitivo, diante do vasto material disponível no mercado sobre o assunto, o objetivo deste estudo é o de apenas elencar alguns pontos, que sirvam como diretrizes para um estudo posterior mais aprofundado sobre o tema.

O primeiro ponto a ser destacado é sobre a pluralidade de teorias sobre a inspiração da Bíblia. O termo “inspiração” do grego *θεόπνευστος* (*theópneustos* = “soprado por Deus”), significa “soprado para fora, da parte de Deus”. É a ação supervisionada por Deus sobre os escritores humanos da Bíblia, de modo que usando de suas próprias personalidades e estilos, registraram “sem erros” as palavras da revelação de Deus ao homem (cf. 1 Tessalonicenses 2.4). Em outras palavras, é a atividade mediante a qual Deus – que, em sua providência, exerce domínio sobre toda a expressão humana – leva homens específicos a falar e escrever de tal maneira que seu pronunciamento foi e continua sendo o pronunciamento dEle através deles, estabelecendo normas de fé e prática. A inspiração da Bíblia se aplica apenas aos manuscritos originais (chamados de autógrafos) e os escritores estavam conscientes

de estarem escrevendo a Palavra de Deus (cf. 1Coríntios 2.13; 1Pedro 1.11-12). A tabela abaixo lista as principais teorias da inspiração:

TEORIA	DEFINIÇÃO
1. Natural	Não há qualquer elemento sobrenatural envolvido. A Bíblia foi escrita por homens de grande talento.
2. Mística ou Iluminativa	Os escritores bíblicos foram cheios do Espírito como qualquer crente pode ser hoje.
3. Mecânica ou “teoria da ditação”	Os escritores bíblicos foram apenas instrumentos passivos nas mãos de Deus como máquinas de escrever com as quais Ele teria escrito. Deve-se admitir que algumas partes da Bíblia foram ditadas (exemplo: os “dez mandamentos”).
4. Parcial	Somente o não concebível foi inspirado (exemplo: criação, conceitos espirituais).
5. Conceitual	Os conceitos, não as palavras, foram inspirados.
6. Gradual	Os escritores bíblicos foram mais inspirados que outros escritores humanos.
7. Neo-ortodoxa	Escritores humanos só poderiam produzir um registro falível.
8. Verbal e plenária (completa)	Esta é a verdadeira doutrina – válida apenas para os manuscritos originais – e significa que cada palavra (verbal) e todas as palavras (plenária) foram inspiradas por Deus, tendo-O como superintendente do processo, não ditando aos escritores, mas guiando-os.
9. Inspiração falível	Uma teoria, que vem ganhando popularidade, de que a Bíblia é inspirada mas não isenta de erros.

O segundo ponto a ser destacado é sobre a inerrância da Bíblia. Hoje, em nossos dias atuais, nós não possuímos os chamados “textos autógrafos”, isto é, textos originais escritos por um profeta, apóstolo ou evangelista inspirado pelo Espírito Santo. Hoje não temos mais os autógrafos, somente cópias. Porém, os milhares de cópias espalhadas pelos cristãos do mundo e preservadas de geração em geração garantem a sua fidelidade, pois Deus prometeu que sua Palavra não seria destruída (cf. Salmo 119.89; Isaías 40.8; Mateus 5.18; Mateus 24.35).

Por inerrância entendemos que a Bíblia não erra. Sendo que tal livro foi inspirado por Deus e sabendo de antemão que Deus não erra, por conseguinte a Bíblia não contém erros. **Erro neste contexto denota algo que não corresponde à realidade.** Sem essa verdade outra importante doutrina decorrente dessa cairia por terra, isto é, a doutrina da infalibilidade.

O pacto de Lausanne declara: “Afirmamos a inspiração divina, a veracidade e autoridade das Escrituras, tanto do Antigo como do Novo Testamento, em sua totalidade, como única Palavra de Deus escrita, sem erro em tudo o que ela afirma, e a única regra infalível de fé e prática (§ 2).

Os evangélicos afirmam: “Aquilo que a Escritura diz, Deus diz”. Eles aceitam o modo bíblico de entender a Palavra de Deus como: evento interpretado, palavra verbal profética, ensino dogmático, pronunciamento escatológicos e, acima de tudo, como a Pessoa de Cristo e sua obra. A autoridade da Bíblia é derivada da autoridade de Cristo.

É importante frisar, entretanto, que por inerrância não queremos dizer que não haja **dificuldades** na Bíblia. A inspiração se restringe aos originais e não às cópias (que podem conter alguns **erros de transmissão**). O teólogo Gleason Archer nos dá uma lista de alguns destes erros de transmissão:

TEORIA	DEFINIÇÃO
1. Haplografia	Consiste em escrever uma vez o que deveria ter escrito duas vezes (cf. Isaías 26.3-4).
2. Ditografia	Consiste em escrever duas vezes o que se deveria escrever uma única vez (cf. Isaías 40.12).
3. Metátese	Consiste em mudar a ordem das palavras ou letras (exemplos: alegria/alergia , calçada/calçado , grande homem/homem grande).
4. Fusão	Consiste no erro de fundir duas palavras numa só, dando sentido diferente ao contexto (exemplo: “esse pessoal mente muito” / “esse pessoalmente muito”).
5. Fissão	Consiste no erro de dividir uma palavra em duas, dando sentido diferente ao contexto (exemplo: amador/ama a dor);
6. Homofonia	Consiste em usar palavras com sentidos diferentes mas que tenham o mesmo som (exemplo: pena – plumagem de uma ave, sentimento de dó , objeto de escrita etc.)
7. Leitura errônea de caracteres parecidos	Exemplos: ד (dáleth = d), ר (rêsh = r), ה (hê = h), ר (hêth = rr), ת (táv = t), ב (bêth = b), ו (bêth = v)
8. Omissão acidental de palavras	

Para resolver estas dificuldades textuais os críticos elaboraram algumas regras que servem para nortear o exame da Bíblia a fim de que se obtenha uma correta compreensão exegética. Eis algumas delas:

1. Em geral prefere o texto mais antigo ao mais recente;
2. O texto mais difícil é preferível ao mais fácil;
3. Deve-se preferir o texto mais curto ao mais longo;
4. O texto que tiver uma aceitação mais ampla ao que for mais restrito a certa região;
5. O texto que não reflete nenhum desvio doutrinário por parte do copista deve ser preferido ao texto que deixa claro estar contaminado por espírito partidário.

Contudo é bom saber que muitas dificuldades partem não de algum erro textual, mas de erros de interpretação do próprio crítico. Diante de qualquer aparente contradição nas Escrituras, não nos é permitido dizer que Deus tenha errado; mas ou o manuscrito utilizado tenha falhas, ou a tradução está errada, ou nós não entendemos o que está escrito. Os erros não se acham na revelação de Deus, mas nas falhas interpretações dos homens. Tais falhas se enquadram em uma das seguintes categorias:

1. Assumir que o que não foi explicado seja inexplicável;
2. Presumir que a Bíblia é culpada, até que provem o contrário;

3. Confundir as nossas falíveis interpretações com a infalível revelação de Deus;
4. Falhar na compreensão do contexto da passagem;
5. Deixar de interpretar passagens difíceis à luz das que são claras;
6. Basear um ensino numa passagem obscura;
7. Esquecer-se de que a Bíblia é um livro humano, com características humanas;
8. Assumir que um relato parcial seja um relato falso;
9. Exigir que as citações do Antigo Testamento feitas no Novo Testamento sejam sempre exatas;
10. Assumir que diferentes narrações sejam falsas;
11. Presumir que a Bíblia aprova tudo o que ela registra;
12. Esquecer-se que a Bíblia faz uso de uma linguagem comum, não técnica;
13. Considerar que números arredondados sejam errados;
14. Não observar que a Bíblia faz uso de diferentes recursos literários;
15. Esquecer-se de que somente o texto original é isento de erros, e não qualquer cópia das Escrituras;
16. Confundir afirmações gerais com afirmações universais;
17. Esquecer-se de que uma revelação posterior se sobrepõe a uma anterior.

Portanto, é possível afirmar que a Bíblia foi escrita por escritores sobrenaturalmente inspirados por Deus a ponto de ser **verdadeira em tudo o que afirma**, e isto não somente em matérias de fé e história da salvação. Ela é livre de erros, fraude e enganosa. A Escritura não pode errar por ser em sua inteireza a revelação do Deus verdadeiro. Ela permanece a inerrante Palavra de Deus independentemente da resposta humana.

Ao dizer que a Bíblia é inerrante, não estamos negando que **erros de copistas** se introduziram no longo processo de transmissão da mesma. A inerrância é um atributo somente dos escritores originais, ou seja, do texto originalmente produzido pelos escritores inspirados por Deus. Muito embora hoje não tenhamos mais os textos originais, pela providência divina podemos recuperar seu conteúdo, preservado nas cópias, quase que totalmente, através da ajuda de ferramentas como a baixa crítica ou a manuscritologia bíblica.

O terceiro ponto a ser destacado é sobre as causas dos erros na transmissão do texto bíblico. Antes da invenção da imprensa, no século XV, a transmissão de qualquer escrito, apenas poderia ser feita copiando, pacientemente, à mão, palavra por palavra: podemos imaginar quantas probabilidades de erro tal método comporta. Nos manuscritos tiravam-se cópias e apesar do estrito cuidado, algumas divergências logo apareciam. Na maioria das vezes essas divergências ocorriam de forma involuntária; mas em alguns casos as alterações no texto eram feitas de forma intencional.

1. Erros involuntários.

- a) **Erros provenientes de uma visão deficiente.** O escriba, atingido por astigmatismo, achava difícil distinguir as letras gregas que se pareciam, especialmente se o copista anterior não escreveu com

cuidado. Assim num manuscrito **uncial** (todas as letras transcritas em maiúsculo), era muito fácil o copista confundir **Sigma** (Σ) com o **Épsilon** (E); o **Théta** (Θ) com o **Ómicron** (O). E se dois **Lâmbdas** fossem escritos muito juntos ($\Lambda\Lambda$) poderiam ser confundidos pela letra **Mi** (M).

Uma deficiência visual também possibilitava a ocorrência erros proveniente de igual terminação. Pelo fato de duas linhas seguidas terminarem com a mesma palavra ou sílabas, os olhos do copista podiam pular da primeira para a segunda, omitindo acidentalmente várias palavras (haplografia). Algumas vezes, os olhos do escriba, apanhavam a mesma palavra ou grupo de palavras uma segunda vez e como resultado copiava duas vezes, o que deveria ter feito apenas uma (ditografia).

- b) **Erros provenientes de uma audição deficiente.** Era comum ditarem ao copista e ele escrever outra palavra parecida, como as nossas **imersão** e **emersão**, **despercebido** e **desapercebido**, **comprimento** e **cumprimento**. Outro problema com o ditado encontrava-se nas homônimas não homógrafas, como ilustram as palavras portuguesas: sinto e cinto, incipiente e insipiente, cocho e coxo.
- c) **Erros de memória.** Estes erros surgiram porque a memória falhava enquanto o copista olhava para o manuscrito e procurava escrever o que lá se encontrava. Este tipo de erro explica a origem de um grande número de mudanças, especialmente nos evangelhos sinóticos, envolvendo a substituição de sinônimos, variação na ordem das palavras, troca de palavras por influência de outra passagem paralela, talvez conhecida do escriba.
- d) **Erros de julgamento.** Encontramos alguns erros que apenas podem ser explicados por culpa de copistas pouco inteligentes ou descuidados. Palavras ou notas explicativas, encontradas na margem, eram muitas vezes, incorporadas ao texto do Novo Testamento. O copista ao encontrar na margem, notas explicativas como sinônimos de palavras difíceis, correções, comentários pessoais, ficava perplexo sem saber o que fazer com elas. Alguns resolveram o problema da seguinte maneira – colocaram a nota no texto que estavam copiando. Por isso, é provável, que um comentário marginal explicando o movimento da água no poço de Betesda (cf. João 5.7) foi incorporada ao texto de João 5.4.

2. Erros intencionais.

Por estranho que pareça, os escribas que pensavam, eram mais perigosos do que aqueles que se limitavam a copiar o que tinham diante de si. Muitas das alterações, que podem ser classificadas como intencionais foram, sem dúvida, introduzidas de boa-fé por copistas que criam estar corrigindo erros ou infelicidades de linguagem, que se haviam introduzido no texto sagrado e precisavam ser corrigidos. A despeito da vigilância de eclesiásticos zelosos, alguns escribas, chocados com erros reais ou imaginários, de ortografia, gramática e fatos históricos, deliberadamente, introduziram mudanças no que estavam copiando. Os motivos de tais mudanças eram:

- a) **Correções na ortografia, gramática e estilo.** Alguns livros apresentavam muitas tentações aos escribas zelosos pela correção gramatical. O escriba culto era tentado a melhorar a linguagem.
- b) **Correções harmonizadoras.** Intencionalmente ou não, procurando harmonizar passagens paralelas ou relatos idênticos, os copistas alteravam algumas passagens bíblicas.
- c) **Acréscimos de complementos naturais e semelhantes.** A obra dos copistas na amplificação e arremate das frases é evidente em muitas passagens. Vários escribas, supondo que algo estava faltando na declaração de Mateus 9.13 “*Pois não vim chamar os justos, mas os pecadores*”, acrescentavam “*ao arrependimento*”. Outros copistas achavam difícil deixar a palavra escriba, sem acrescentar fariseu, como aconteceu em Mateus 27.41.
- d) **Esclarecimentos de dificuldades históricas e geográficas.**
- e) **Duplicidade de textos.** Um escriba quando descobria que a mesma passagem fora registrada de forma diferente em dois ou mais manuscritos que tinha diante de si? Em vez de fazer uma escolha entre as duas variantes (com a probabilidade de omitir a genuína) muitos incorporaram as duas na mesma cópia que estavam transcrevendo. Isto produziu a chamada duplicidade de textos ou de leituras.
- f) **Acréscimos de pormenores.** Acréscimos feitos na margem ou em notas no rodapé, uma vez ou outra eram introduzidos para o texto. Sempre houve e ainda há grande curiosidade em saber o nome de alguns personagens que aparecem anonimamente no texto bíblico. Como a tradição dava nomes a estas pessoas, copistas eram tentados a colocá-los no texto que estavam copiando. Entre nós é comum ouvirmos que o nome do bom ladrão era Dimas.

Todos os estudiosos dos problemas dos copistas estão bem cientes de que o estudo comparativo de vários textos é de grande ajuda para a eliminação destes erros. Estes erros têm sido denominados de periféricos, porque não abrangem a essência dos ensinamentos divinos. Todos devem ter em mente esta verdade fundamental: o que foi apresentado neste estudo aconteceu com alguns manuscritos e com poucos copistas, o que vem mostrar a fragilidade da natureza humana. Existem muitas evidências mostrando o trabalho dedicado, cuidadoso, honesto e fidelíssimo da maioria dos copistas, bem como abundante quantidade de manuscritos não alterados, que nos levam a crer firmemente na fidelidade da transmissão das Santas Escrituras.

Por fim, julgo de extrema importância citar alguns argumentos que evidenciam a Bíblia como uma composição consistente, coerente, autêntica, genuína, inspirada por Deus e escrita por homens movidos pelo Espírito Santo de Deus:

1. Não pode haver dúvida de que Cristo e Seus apóstolos aceitaram na íntegra o Antigo Testamento, como um texto totalmente inspirado do primeiro capítulo de Gênesis ao último capítulo

de Malaquias. Tudo era implicitamente crido como a Palavra do próprio Deus. E, desde aqueles dias, o ponto de vista da Igreja cristã universal é o de que a Bíblia é a Palavra de Deus.

2. Cristo admite que as Escrituras eram uma revelação divina verdadeira e que Ele era o objetivo de todas elas; pois veio para cumprir a lei e os profetas. Não há dúvida que o Antigo Testamento que o Senhor Jesus tinha em mãos era praticamente, se não verdadeiramente, o mesmo de hoje, e que ele o considerava revestido de autoridade divina. O modo pelo qual ele o citou nos mostra isso. Para o Senhor Jesus o Antigo Testamento era autorizado e final, porque era divino. Quase todas as referências de Ele ao Antigo Testamento apoiam a declaração de que Ele admite que essas Escrituras são provenientes de Deus.

3. Homens como Orígenes, Jerônimo, Agostinho, Tomás de Aquino, Erasmo, Calvino, Lutero, Melancton, sem esquecer os puritanos ingleses e outros teólogos do século dezessete, não eram intelectualmente frágeis ou inertes, nem eram completamente destituídos de compreensão crítica com referência às Sagradas Escrituras. Contudo, eles, e a Igreja toda junto com eles, jamais hesitaram em aceitar o ponto de vista do Antigo Testamento e do Novo Testamento que lhes foram transmitidos, como herança do judaísmo e endossado pelos apóstolos. Será que podemos supor que, por séculos, toda a igreja jamais considerou assuntos tais como conteúdo, história e autoridade do Antigo Testamento e do Novo Testamento?

BIBLIOGRAFIA

- BANCROFT, Emery H.. *Teologia Elementar; Doutrinária e Conservadora*. São Paulo: IBR, 1966. 43-45, 101, 109, 114-115, 118 p.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Trad. J. M. Bentes. 7. ed. São Paulo: Hagnos, 2004. 1037 p.
- FEE, Gordon D. & STUART, Douglas. *Entendes o que lêes?; um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 1984. 334 p.
- GEISLER, Norman L.. *A inerrância da Bíblia: uma sólida defesa da infalibilidade das Escrituras*. São Paulo: Vida, 2003. 554 p.
- GEISLER, Norman L.; HOWE, Tomas. *Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia*. 5. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2000. 544 p.
- HENDRICKS, Howard G. & HENDRICKS, William D.. *Vivendo na Palavra*. 3. ed. São Paulo: Batista Regular, 2007. 312 p.
- HESTER, Huberto Inman. *O livro dos livros*. 3. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1983. 179 p.
- TAYLOR, W. C.. *Dicionário do Novo Testamento grego*. 10. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. 247 p.
- TORREY, R. A.. *Os fundamentos: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. Trad. Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Hagnos, 2005. 710 p.
- VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1115 p.